

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal de Brasília*

Class.: 304

Data: 28.08.88

Pg.: _____

ENTREVISTA

Quinze índios querem nadar com a maré

Marcos Terena explica a participação indígena nas eleições municipais de 15 de novembro

Josemar Gonçalves 1.6.88

Rui Nogueira
Colaborador

É provável que para a maioria dos 70 milhões de eleitores as eleições municipais do próximo dia 15 de novembro sejam apenas mais um ritual. A maioria queria mesmo era escolher o nome do novo inquilino do Palácio do Planalto. Mas para a comunidade indígena 15 de novembro de 88 vai virar data histórica.

Pela segunda vez em 500 anos de "história branca" — a primeira aconteceu em 1982 com Mário Juruna — os índios brasileiros vão participar de um processo eleitoral, não de forma decorativa, mas tentando sentar alguns representantes da consciência e dos interesses indígenas entre as 46 mil e 300 cadeiras das câmaras de vereadores espalhadas por 4 mil e 200 municípios.

Os 15 candidatos índios conhecidos até agora são, a rigor, uma gota d'água no oceano de 1 milhão e 300 mil aspirantes que já tomaram conta das ruas e dos palanques em campanhas milionárias que prometem mundos e fundos. Para os candidatos indígenas não há promessas a fazer pelos simples fatos de que índio não quer a rua da porta de casa asfaltada, não precisa de água encanada ou esgoto, não precisa de ticket de leite ou merenda escolar. Eles precisam apenas de terra. O resto fica por conta da sabedoria e da natureza.

Na verdade, os índios precisam apenas daquilo que lhes foi surrupiado, e hoje o homem branco está cada vez menos disposto a devolver. Depois de conseguirem eleger um índio para a Câmara dos Deputados (Mário Juruna), de perderem esse representante e lutarem bravamente para que a Constituinte guardasse pelo menos um capítulo para a causa indígena, as lideranças mais conscientes acham que chegou a hora de cavar uma trincheira nos municípios. Os índios querem ser ouvidos o mais próximo possível das aldeias para evitar que fatos consumados tenham como única atenuante a organização de caravanas festivas que vêm chorar o leite derramado nos corredores do Congresso Nacional.

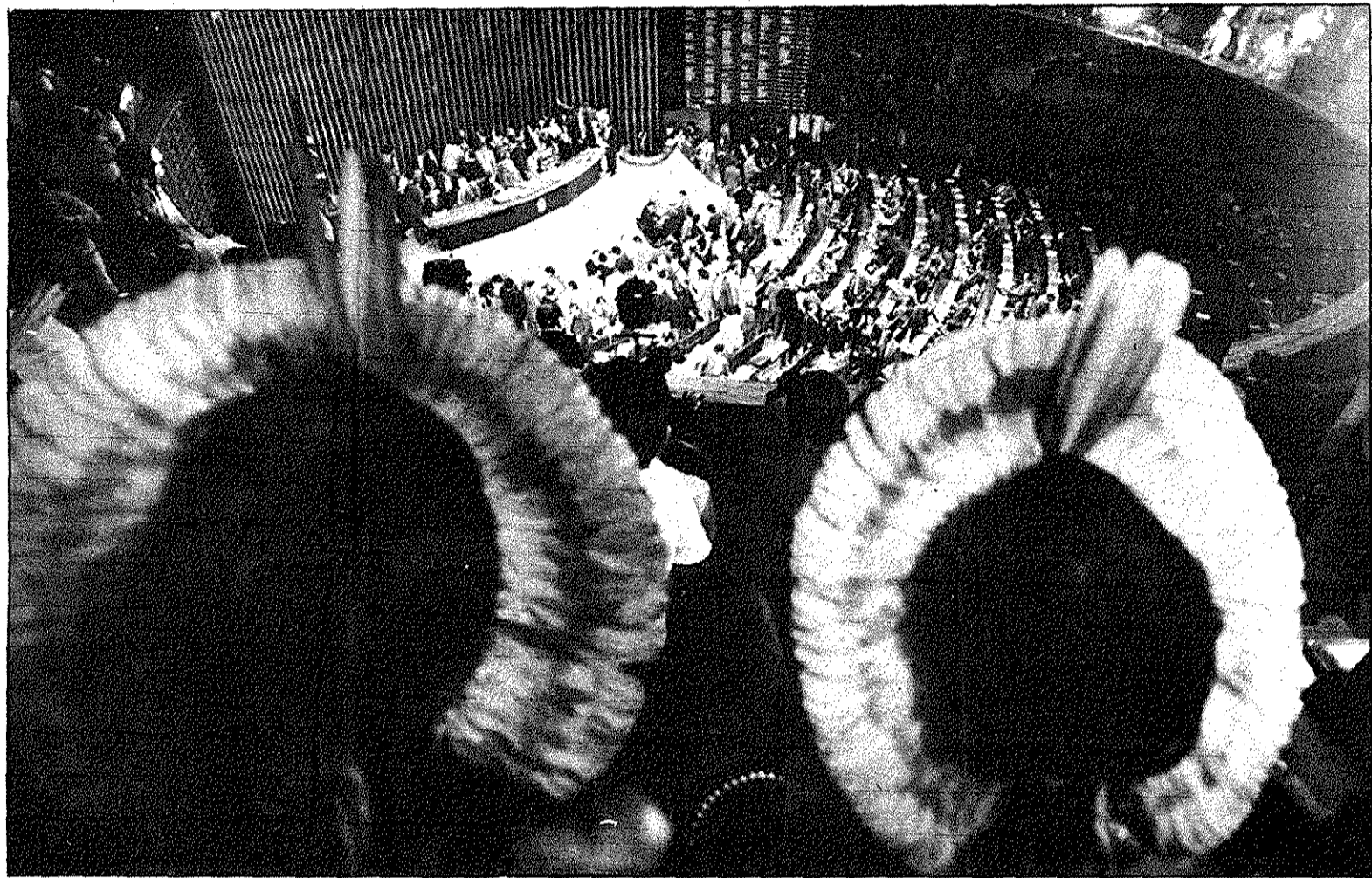
Para explicar como vai ser essa participação do índio nas eleições municipais, o *Jornal de Brasília* ouviu o índio Marcos Terena Taunay, 34 anos, piloto da aviação civil. Terena não é candidato a nada mas é em Brasília, um legítimo representante dos interesses indígenas e compõe junto com um grupo de outros índios (todos com formação de nível superior), uma espécie de assessoria às lideranças das aldeias.

Entre um voo e outro, Terena sobe a rampa do Palácio do Planalto para falar com o general Bayma Dennis, Secretário do Conselho de Segurança Nacional que é na verdade quem cuida da política indigenista; sobe a rampa da Constituinte para acompanhar as votações da nova Carta e fica de olho nas decisões do Tribunal Superior Eleitoral por causa das eleições municipais. Ainda sobra tempo para a leitura — os dois últimos livros que leu foram *Minha Razão de Viver* de Samuel Wainer e *O Alquimista* de Paulo Coelho —, para participar como colunista do *Jornal de Vanguarda* (TV Bandeirantes) e sofrer com as derrotas constantes do Botafogo. A maioria dos índios, segundo o próprio Terena, torce pelo Flamengo ou pelo Vasco.

Trabalho de base

JBr — Como vai ser a participação dos 15 candidatos índios nas eleições municipais de novembro?

Marcos Terena — É um grande trabalho de base. Houve um entendimento de que nós tínhamos de começar por baixo, junto às comunidades, para que elas enxergassem melhor qual é afinal o papel do



Na Constituinte, sem representantes, os índios estiveram presentes para exercer sua pressão

homem político indígena. E, numa projeção maior, esse trabalho vai servir para que nas eleições presidenciais em 89 nós tenhamos alguma influência.

JBr — Como vai ser a participação dos 15 candidatos índios nas eleições municipais de novembro?

Marcos Terena — É um grande trabalho de base. Houve um entendimento de que nós tínhamos de começar por baixo, junto às comunidades, para que elas enxergassem melhor qual é afinal o papel do homem político indígena. E, numa projeção maior, esse trabalho, vai servir para que nas eleições presidenciais em '91 nós tenhamos alguma influência.

— Em que regiões estão saindo os candidatos e por quais partidos?

— As candidaturas indígenas estão basicamente na região Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul) mas há candidatos no Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. Nós estamos em entendimento com o partido do Tucano (o PSDB) para ver se lançamos uma candidatura indígena numa capital, talvez Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. É importante porque ali é a região dos índios Terenas, Guaranis, Kadivéus e Guató. A gente acha que a porcentagem de participação eleitoral indígena ali decide uma eleição. É muito importante, além de ter representantes em cidades do interior, ter também um eleito na capital. O poder de influência é bem maior. Os candidatos estão em vários partidos — PSDB, PT, PL, etc.

— Vocês estão participando de um jogo eleitoral onde as regras e o apito são do branco. Estão participando através de partidos que não têm nenhuma afinidade entre si como o Partido Liberal e o Partido dos Trabalhadores. Que unidade vocês vão ter na defesa da causa indígena?

— Independente do partido é preciso ressaltar que a linha política de vida, a ideologia dos participantes da eleição municipal, é uma linha voltada para a sua comunidade. O candidato tem também, é claro, o compromisso de lutar por todo o povo do município pelo qual foi eleito. Não vamos fazer uma política sectária. Precisamos ter uma

As definições do Terena

CONSTITUINTE — Não atendeu plenamente os interesses do povo brasileiro, mas na questão indígena, exatamente porque a gente soube trabalhar numa aliança entre os líderes tradicionais, os grandes caciques e os líderes culturais, nós conseguimos aquilo que está dentro da realidade brasileira. Porque nós não podemos querer mais que os demais brasileiros.

FUNAI — Falar da Funai é perder tempo. Os grandes avanços são encaminhados e liderados pelos próprios índios. A Funai parou no tempo, naquela política paternalista e assistencialista.

INFLAÇÃO — Índio também está preocupado com inflação. E muito. Só que numa visão diferente do branco. Antes, os índios plantavam de tudo para colher e comer, não faltava nada. Começaram a mexer com o dinheiro, a deixar de plantar certos produtos ao descobrir que um tanto de dinheiro dava para comprar um outro tanto de feijão. Aí chega a inflação e descobre que o dinheiro dá para comprar cada vez menos feijão. Mas um cacique índio me explicou melhor o que é isso de inflação ao dizer que toda a terra das grandes fazendas do Centro-



Beto Rocha

Marcos Terena, um piloto

Oeste e todo gado que ele via não servia nem para matar a fome dos brasileiros nem para produzir mais alimentos. "É tudo dinheiro", me disse o cacique.

JOSÉ LOURENÇO — O português rico no Brasil fica naquele jeito.

JOSÉ SARNEY — É vítima da própria indecisão. O contrário de qualquer cacique que jamais vacila. E sabe ter autoridade sem ser autoritário. Uma prova de sua indecisão é que ele está cercado de amigos em vez de gente competente. Sarney não está seguro do que faz.

visão do conjunto dos problemas da sociedade e foi assim que na Constituinte, por exemplo, nós conseguimos uma penetração em vários partidos. Foi a partir dessa penetração que nós conseguimos agora, para as eleições municipais, abrir vagas em diversos partidos. É verdade que o Partido Liberal e o Partido dos Trabalhadores são muito diferentes mas foi nesses partidos que o cidadão índio foi encaixado.

— Mas você não tem medo que os caciques indígenas, figuras respeitadas da comunidade indígena, viam caciques polít-

cos sem respeito algum por causa desse buraco negro ideológico que existe, por exemplo, entre PT e PL?

— Mas isso já está acontecendo. O que nós temos é que trabalhar para que a participação política seja conduzida da melhor maneira possível. Não podemos ficar parados lamentando os desvios. Os políticos são muito astutos, hábeis em manipular as pessoas e nós, é claro, também aprendemos isso. Já existe uma meia dúzia de índios que sabe fazer essa política de apagar o fogo com o próprio fogo, mas a gente tem a nossa filosofia de vida que é

bem maior que tudo isso. Infelizmente, mesmo não tendo que ser desonestos, nós somos obrigados a usar ainda o mecanismo dessa política tradicional. A gente espera que a partir dessa eleição municipal haja uma renovação de quadros políticos para que não tenhamos numa eleição presidencial de escolher entre dois candidatos que são os mesmos de 30 anos atrás — Brizola e Jânio. Temos consciência, no entanto, que a comunidade indígena sozinha não tem um número de eleitores suficientes para mudar a situação a seu favor e por isso vamos nadar com a maré.

— O Juruna nadou com a maré e sumiu? Como vocês hoje analisam a experiência histórica da eleição de Juruna?

— Para mim, índio, é sempre delicado analisar em público o comportamento de um companheiro porque nós temos uma filosofia de vida comunitária onde em várias reuniões nós fazemos imediatamente o reconhecimento de qualquer erro ou acerto. O Juruna, é preciso não esquecer, teve um papel preponderante na opinião pública brasileira. Ninguém deve esquecer que ele foi o homem que, ao aparecer com aquele gravador na frente dos políticos da época e questionar o regime, deu força para que os trabalhadores das cidades e depois o movimento estudantil se manifestassem. Juruna dizia na época, sozinho, o que o povo brasileiro queria dizer nas ruas. A partir daí ele foi abocanhado pela política tradicional que não respeita o homem, utiliza-se dele. Quando o Juruna entrou na vida política ele começou a integrar uma realidade que é corrupta, desonesta, que não leva em conta os interesses da população mas os interesses próprios. Uma realidade definida por um político, que hoje é ministro, com uma frase tirada da Bíblia — "é dando que se recebe" (Roberto Cardoso Alves, Ministro da Indústria e do Comércio). Então, o Juruna tem dois aspectos — primeiro, ele marcou uma posição dentro do Congresso Nacional, foi o primeiro índio eleito, o primeiro a quebrar uma estrutura branca de quase cinco séculos; depois, ele começou a conviver com as artimanhas da política e não estava preparado para isso, não conseguiu se reeleger.